

PIB DO AGRONEGÓCIO CRESCE NO SEGUNDO TRIMESTRE E ACUMULA ALTA DE 0,5% EM 2023

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), apresentou avanço modesto de 0,27% no segundo trimestre de 2023 e, com isso, o crescimento acumulado no primeiro semestre de 2023 chegou a 0,50% (Tabelas 1 e 2). O cenário geral explicitado no trimestre anterior se manteve, com a modesta expansão no PIB sendo sustentada pela safra recorde no campo – que, por sua vez, se reflete em maior movimentação de agrosserviços no País. Por outro lado, o desempenho do indicador foi prejudicado pelo movimento de preços desfavorável ao setor. Como será discutido ao longo desse relatório, houve reduções de preços frente ao primeiro semestre de 2022 para vários dos principais produtos agropecuários e agroindustriais.

Entre os segmentos do setor, quando se compara os dois primeiros trimestres de 2023, o PIB registrou crescimento, embora em graus variados, para o segmento primário (1,12%), para as agroindústrias (0,38%) e para os agrosserviços (0,92%), enquanto houve uma significativa queda para os insumos (-7,88%) – ver Tabela 2. O desempenho dos insumos (agrícolas e pecuários) foi impactado pela queda do valor bruto da produção de indústrias do segmento, pressionado sobretudo pelas desvalorizações de preços dos fertilizantes, defensivos e rações ao longo do segundo trimestre do ano.

Pela perspectiva dos ramos do agronegócio, os cenários foram de pequeno crescimento para o agrícola (0,17%) e para o pecuário (0,56%) no segundo trimestre de 2023. No ramo agrícola, o PIB cresceu para o primário (2,26%), cresceu pouco para a agroindústria (0,23%) e para os agrosserviços (0,54%), e recuou significativamente para os insumos (-9,96%); no ramo pecuário, o PIB avançou para a agroindústria (1,04%) e para os agrosserviços (2,00%), e recuou para os insumos (-1,70%) e para o primário (-0,86%) – ver Tabela 2.

Já em termos acumulados, conforme mostra a Tabela 1, considerando os desempenhos nos dois primeiros trimestres do ano, foi observado pequeno crescimento para o ramo agrícola (0,84%) e queda para o pecuário (-0,40%).

Tabela 1. PIB do Agronegócio: Taxa de variação acumulada no período (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	-11,73	2,57	0,53	1,12	0,50
Ramo agrícola	-14,52	4,76	0,70	1,30	0,84
Ramo pecuário	-3,11	-1,19	-0,23	0,63	-0,40

Fontes: Cepea/USP e CNA

Tabela 2. PIB do Agronegócio: Taxa de variação trimestral (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	-7,88	1,12	0,38	0,92	0,27
Ramo agrícola	-9,96	2,26	0,23	0,54	0,17
Ramo pecuário	-1,70	-0,86	1,04	2,00	0,56

Fontes: Cepea/USP e CNA

No acumulado do ano, o segmento primário apresentou o melhor desempenho do PIB, com alta de 2,57%. No caso do segmento primário agrícola, a elevação de 4,76% do PIB refletiu sobretudo as excelentes perspectivas para a safra 2023 – assim como excelentes resultados já consolidados, como no caso da safra da soja. A expansão não foi maior devido à queda dos preços médios reais de importantes produtos agrícolas, com destaques negativos para algodão, café, milho, soja e tomate. Já no primário pecuário, a queda de 1,19% do PIB decorreu do menor valor da produção esperado para o ano, mesmo em um cenário de alívio dos custos com insumos. Essa queda do valor da produção reflete os menores preços de bovinos e aves de corte na comparação com o primeiro semestre de 2022, uma vez que se projeta expansão de produção para todas as atividades pecuárias acompanhadas.

Para o PIB do segmento agroindustrial, a modesta expansão de 0,53% no primeiro semestre de 2023 decorreu de crescimento para as agroindústrias de base agrícola (0,70%), visto a queda para as de base pecuária (-0,23%). Na indústria agrícola, o PIB cresceu, sobretudo, devido à redução de custos com insumos utilizados na produção agroindustrial, tendo em vista que o volume produzido registrou queda modesta e os preços dos produtos também caíram (com destaques negativos para o etanol, os produtos de madeira e o café industrializado). Na indústria pecuária, o PIB foi pressionado pelo comportamento desfavorável dos preços, sobretudo da indústria de abate e preparação de carnes e pescado.

Por fim, os resultados dos agrosserviços refletem os comportamentos dos segmentos a montante em cada ramo. No ramo agrícola, o crescimento dos agrosserviços (1,30%) acumulado no trimestre decorreu sobretudo do desempenho agrícola dentro da porteira. No ramo pecuário, o ligeiro aumento dos agrosserviços (0,63%) refletiu as maiores produções de animais vivos e de derivados nos segmentos primário e agroindustrial.

Considerando os desempenhos do agronegócio, seus ramos e seus segmentos nos dois primeiros trimestres, a Tabela 3 apresenta as estimativas para os valores monetários anuais do PIB em 2023. Com base nesse desempenho parcial, o PIB do agronegócio brasileiro pode alcançar R\$ 2,63 trilhões em 2023, sendo 1,91 trilhão no ramo agrícola e 715,3 bilhões no ramo pecuário (a preços do segundo trimestre de 2023).

Tabela 3. PIB do Agronegócio, seus ramos e segmentos (em R\$ milhões do segundo trimestre de 2023*) – 2022 e estimativas para 2023 com base em informações até junho

		PIB (em R\$ milhões reais*)	
		2022	2023*
Agronegócio	Insumos	190.821	148.693
	Primário	711.092	748.039
	Agroindústria	598.784	605.105
	Agrosserviços	1.099.314	1.124.054
	Total agronegócio	2.600.011	2.625.891
Ramo agrícola	Insumos	146.365	106.958
	Primário	444.238	487.496
	Agroindústria	484.579	491.415
	Agrosserviços	803.726	824.733
	Total ramo agrícola	1.878.908	1.910.602
Ramo pecuário	Insumos	44.456	41.735
	Primário	266.854	260.543
	Agroindústria	114.205	113.690
	Agrosserviços	295.588	299.321
	Total ramo pecuário	721.103	715.289

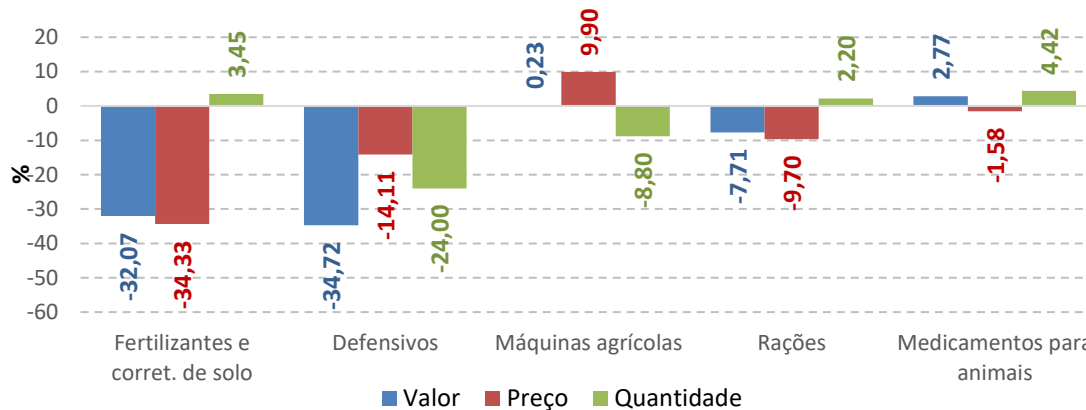
Fontes: Cepea/USP e CNA. *Valores deflacionados pelo deflator implícito do PIB

Por sua vez, considerando esse desempenho e o comportamento do PIB brasileiro no período, estima-se que a participação do setor na economia fique próxima de 24,4% em 2023, pouco abaixo dos 25,0% registrados em 2022.

SEGMENTO DE INSUMOS: queda do PIB se intensifica no segundo trimestre de 2023

No segundo trimestre de 2023, o PIB do segmento de insumos do agronegócio reduziu 7,88% (Tabela 1). No acumulado do ano, a queda foi de 11,73% (Tabela 2). O resultado reflete o desempenho das atividades do ramo pecuária, mas, principalmente, do ramo agrícola. A Figura 1 mostra o desempenho de cada uma das atividades que compõem o segmento.

Figura 1. Insumos: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2023/2022 com informações até junho



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, IEA, Anda e Sindirações)

Considerando os dados coletados até junho, a projeção indica queda de 32,07% do valor bruto da produção anual da indústria de fertilizantes e corretivos de solo. O resultado se deve à queda de 34,33% dos preços reais dos produtos, considerando os valores médios do primeiro semestre de 2023 frente ao de 2022. Para a produção anual, por sua vez, é esperado crescimento de 3,45%. Desde meados de 2022, os preços dos fertilizantes e corretivos de solo têm recuado, o que se pode atribuir, em partes, à formação de altos estoques, como uma resposta dos produtores ao risco de desabastecimento no mercado internacional, em decorrência dos conflitos no Leste Europeu; mas, também, à desaceleração da demanda, haja visto o atraso das compras de fertilizantes pelos produtores. Todavia, segundo a Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), em junho foi registrado o maior volume de entregas desde setembro passado, devido ao início do plantio da safra 2023/2024 de soja, o que gera a expectativa de recuperação dos preços do setor para o segundo semestre.

No caso da indústria de defensivos, a projeção indica queda de 34,72% do valor bruto da produção anual, em razão da queda de 14,11% dos preços reais, na comparação entre semestres iguais, e da redução de 24,00% da produção nacional. Ao longo do segundo trimestre, houve recuo dos preços de defensivos, o que é atribuído, segundo especialistas, aos elevados volumes de estoques. Entretanto, o setor espera a reversão dessa tendência baixista, em virtude da aceleração das vendas no segundo semestre e da ampliação da área tratada. Segundo estudo divulgado pelo Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (SINDIVEG), no primeiro semestre de 2023, houve crescimento da área tratada com defensivos em relação ao mesmo período de 2022, o que se pode atribuir, entre outros fatores, à expansão da área cultivada de importantes culturas, como soja e milho.

No caso da indústria de máquinas agrícolas, a projeção indica ligeiro crescimento do valor bruto de produção (0,23%), resultante da valorização dos preços reais na comparação

entre períodos iguais (9,90%), frente à retração esperada para a produção anual (-8,80%). Apesar da retração da produção nacional quando observados dados até junho, a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq) está otimista em relação ao segundo semestre, em virtude da disponibilização dos recursos do Plano Safra 2023/24, cuja proposta inclui quatro linhas de crédito (Moderfrota, Pronamp Moderfrot, Pronaf e linha em dólar), o que representa um estímulo potencial à venda de máquinas.

Para a indústria de rações, é esperada redução do valor bruto da produção anual (-7,71%), como resultado dos recuos dos preços reais (-9,70%), na comparação entre semestres iguais, frente ao aumento da produção esperada (2,20%). O recuo dos preços das rações para a produção de proteína animal está associado à forte redução das cotações da soja e do milho, que consistem em importantes ingredientes. Conforme mencionado no relatório anterior, esse resultado não implica, necessariamente, a melhora das relações de troca do pecuarista, haja vista a redução dos preços pagos pelos animais – em especial, no caso do boi gordo e do frango, como será apresentado detalhadamente a seguir. Quanto à produção dessa indústria, a expectativa de elevação pauta-se nas perspectivas de boa demanda pelas cadeias pecuárias de corte, dada a expansão da produção, conforme o Sindirações. Como será discutido posteriormente, de fato, os dados das Pesquisas Trimestrais do Abate do IBGE mostram que, na comparação entre o primeiro semestre de 2022 e o primeiro semestre de 2023, os volumes de animais abatidos cresceram 9% para bovinos, 1% para suínos e 5% para frangos.

De maneira geral, o desempenho das atividades que compõem o segmento de insumos está diretamente relacionado às atividades do segmento primário, que serão analisadas detalhadamente a seguir. Em relação aos insumos agrícolas, com exceção da indústria de máquinas agrícolas, verificou-se queda nos preços reais, o que pode representar um afrouxamento dos custos de produção dos agricultores e uma melhora nos termos de troca. Da mesma forma, no caso dos insumos pecuários, especialmente no que se refere às rações para animais, a redução dos preços pode representar um alívio para os custos dos pecuaristas, sobretudo daquelas atividades que tem sido, há um tempo, afetadas pelas altas dos custos com alimentação animal. Importante ressaltar que, apesar do arrefecimento dos custos com insumos, de forma geral, no primeiro semestre de 2023, os patamares ainda são considerados altos, consequência do longo período de encarecimento nos últimos anos. Ademais, a retração dos preços da arroba do boi gordo e do frango vivo podem refrear uma eventual melhora dos termos de troca.

SEGMENTO PRIMÁRIO: sustentado por safra recorde, PIB agrícola cresce no primeiro semestre de 2023

Com avanço de 1,12% no segundo trimestre do ano, o PIB do segmento primário do agronegócio acumulou crescimento de 2,57% no primeiro semestre. Esse resultado reflete o que se observa para o segmento primário agrícola: expansão de 2,26% no segundo trimestre, resultando em crescimento acumulado de 4,76% no semestre. Já para o segmento primário pecuário, o PIB reduziu 0,86% no segundo trimestre, acumulando queda de 1,19% na parcial do ano (Tabelas 1 e 2).

No ramo agrícola, apesar da queda nos preços de muitos produtos relevantes no PIB, o crescimento foi sustentado pela expectativa de uma safra recorde de grãos (assim como por resultados já consolidados, como no caso da soja), especialmente no caso da soja e milho, e pelo aumento esperado na produção de vários outros produtos agrícolas, como será detalhado nas análises subsequentes. Além disso, os custos com insumos também diminuíram devido à queda nos preços de fertilizantes, defensivos e combustíveis, o que contribuiu para impulsionar o desempenho do campo. Já no ramo pecuário, apesar da redução nos custos com insumos, se espera queda no valor bruto da produção real no ano. A pecuária deverá aumentar sua produção e oferta, mas os preços mais baixos de bovinos e aves para corte estão exercendo pressão sobre a expectativa do valor bruto da produção.

Especificamente, para o segmento primário agrícola, considerando-se a média ponderada das diversas culturas acompanhadas, espera-se queda de 3,61% do valor bruto da produção anual, mas o PIB renda mantém crescimento devido à queda dos custos com insumos. Nesse segmento, também considerando a média ponderada das atividades acompanhadas, o preço reduziu 15,70% no primeiro semestre de 2023 (frente ao primeiro semestre de 2022) e a produção esperada para o ano aumentou 14,34%. Para a produção, as principais altas são para algodão, milho, soja, café e cana-de-açúcar. Já para os preços, as principais quedas foram para algodão, café, milho, soja, tomate e trigo.

No segmento primário pecuário, espera-se redução de 4,16% no valor bruto da produção anual. Em média, os preços no primeiro semestre de 2023 foram 8,22% menores que os do mesmo semestre de 2022, pressionados por bovinos e aves. Para a produção da pecuária, a média ponderada indica avanço de 4,42%, com resultado positivo para bovinos, aves, leite, ovos e suínos.

A Tabela 4 e a Figura 2 detalham os resultados específicos do segmento por atividades agrícolas e pecuárias. Entre as culturas do segmento primário agrícola acompanhadas pelo Cepea, espera-se crescimento do valor bruto da produção em 2023 para: arroz, banana, cacau, cana-de-açúcar, feijão, fumo, laranja, mandioca, uva, lenha e carvão e madeira para celulose. Já as culturas para as quais se espera queda no valor bruto da produção são: algodão, batata, café, milho, soja, tomate, trigo e madeira em tora.

Na cultura do arroz, a expansão do valor bruto da produção esperado (8,05%) esteve atrelada às maiores cotações do produto (16,19%) na comparação de janeiro a junho de 2022 e de 2023, dado a redução esperada na produção (-7,00%) – configurando-se na menor safra dos últimos 26 anos. Segundo a Conab, a redução na produção resultou da diminuição da área cultivada de arroz, devido aos altos custos de produção e à substituição por outros cultivos concorrentes por área, como milho e soja. A Companhia também observou um aumento na produtividade da cultura, embora tenha permanecido abaixo do seu potencial. Vale ressaltar que, em determinados municípios, a produtividade alcançou níveis significativamente elevados devido à utilização eficiente da tecnologia disponível. Com relação aos preços, embora tenha se observado uma tendência de baixa ao longo do primeiro semestre de 2023, eles operaram acima do observado no mesmo período de 2022. Conforme a equipe Arroz/Cepea, houve valorização na comparação interanual, sobretudo, em função da baixa produção na safra 2022/23. Além disso, a elevada paridade de exportação favoreceu esse cenário – com preços para exportação mais favoráveis, os compradores do mercado doméstico precisaram ofertar valores maiores para conseguir adquirir o produto e repor os estoques. No primeiro trimestre do ano, como geralmente se verifica para o período, houve um movimento de baixa nos preços, devido à colheita nas principais regiões produtoras do Mercosul. No segundo trimestre, o movimento de queda foi intensificado, tendo influência de oscilações de demanda por arroz em casca e beneficiado. Neste caso, as unidades de beneficiamento indicaram ter enfrentado dificuldades na comercialização e na manutenção dos preços do arroz beneficiado nos grandes centros consumidores. Como resultado, optaram por esgotar seus estoques antes de adquirir novos lotes do produto.

No caso da banana, a expansão projetada no valor bruto da produção é de 3,33%, o que resultou dos preços reais 3,30% maiores na comparação entre janeiro a junho de 2022 e de 2023, visto a estabilidade da produção esperada (+0,03%). De acordo com a equipe Hortifrutifru/Cepea, as cotações da banana foram marcadas por movimentos antagônicos no primeiro semestre do ano. No primeiro trimestre, observou-se uma retração do preço médio de comercialização devido ao aumento da oferta. Até meados do trimestre, os bananais das principais regiões produtoras (Norte de Santa Catarina e Vale do Ribeira em São Paulo) estavam recuperando as perdas de produção verificadas nos dois últimos anos devido aos entraves climáticos – vale destacar que, mesmo assim, o volume colhido nos primeiros meses de 2023 ainda esteve longe do potencial. Já o segundo trimestre foi caracterizado por um aumento nos preços devido à baixa oferta de banana em âmbito nacional, resultado das

condições climáticas mais frias, que atrasaram o crescimento das plantações, e dos danos significativos no Sul do país causados pelos ciclones. Além disso, as condições climáticas adversas afetaram a qualidade das bananas, resultando em um aumento nos casos de *chilling* (escurecimento da casca).

No caso da cana-de-açúcar, a projeção de estabilidade do valor bruto de produção (0,05%) para 2023 reflete a maior produção esperada para o ano (6,90%) e os menores preços reais (-6,41%), na comparação entre janeiro a junho de 2023 frente ao mesmo período de 2022. De acordo com a Conab, a maior produção decorre das boas perspectivas sobre a produtividade na maior parte das regiões produtoras, uma vez que houve redução da área destinada à cultura. Segundo a Companhia, as condições climáticas para a safra atual têm se mostrado ainda mais favoráveis em comparação com a safra anterior. Com relação aos preços da cana, a queda deve refletir os recuos observados para o etanol, conforme será discutido na seção desse relatório sobre a agroindústria.

No caso da laranja, o crescimento do valor bruto da produção esperado (25,00%) é reflexo das altas nas cotações do produto na comparação entre semestres iguais (24,12%), combinadas ao ligeiro crescimento esperado na produção anual (0,71%). Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, os preços apresentaram comportamentos divergentes ao longo do primeiro semestre do ano, entretanto, operaram acima do observado em 2022. No primeiro trimestre, observou-se uma tendência altista como consequência tanto da oferta restrita, resultado das elevadas temperaturas, quanto de uma expansão de demanda. Já no segundo trimestre, houve um recuo das cotações devido ao início da colheita das variedades precoces da nova safra e ao ritmo de processamento ainda lento no período. Este movimento de desvalorização, apesar de ser típico para o período, foi mais ameno em 2023, tendo em vista a alta necessidade industrial por matéria-prima (em decorrência dos baixos estoques de suco de laranja). Assim, os preços pagos pelas processadoras estão altos, e a intensificação da colheita gera menor pressão sobre os preços.

Com relação à cultura do algodão, a queda do valor bruto da produção anual esperado (-26,10%) decorre dos menores preços reais do produto (-39,34%), na comparação entre semestres iguais, uma vez que se espera uma maior produção em 2023 (21,82%). Segundo a Conab, o crescimento da produção deve refletir os avanços da área e da produtividade – condições climáticas favoráveis proporcionaram um bom desenvolvimento da cultura e têm contribuído para a colheita do produto. Ademais, a Companhia destaca que o ganho de produtividade também se deve à implementação e aprimoramento de tecnologias da produção de algodão. Dessa forma, o volume colhido no Brasil está se configurando como a maior safra da história. Para a equipe Algodão/Cepea, o primeiro trimestre foi marcado por pressões negativas nas cotações, principalmente devido ao excesso de oferta no mercado brasileiro e às incertezas no cenário internacional. Essas incertezas limitaram as vendas de manufaturados, impactando o ritmo de produção tanto das indústrias têxteis nacionais quanto internacionais. No segundo trimestre, os preços do algodão continuaram em queda, retornando aos níveis observados em outubro de 2020. Além do excedente significativo da safra anterior, que persistiu no segundo trimestre, a pressão sobre os preços também foi agravada pela queda no valor internacional da pluma, pela valorização do Real frente ao dólar e pela demanda enfraquecida. Além disso, as perspectivas de uma safra abundante em 2023 contribuíram para essa tendência de queda.

Para a batata, os menores preços reais (-16,83%) na comparação entre semestres iguais e a menor produção anual esperada (-0,98%) explicam a redução projetada para o valor bruto de produção real (-17,65%). Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, o preço médio de comercialização da batata no primeiro trimestre de 2023 apresentou tendência de queda devido à recuperação na oferta do tubérculo neste começo de ano. No segundo trimestre, as cotações apresentaram alta, visto que, como esperado pelo setor, a oferta de batata se reduziu devido ao encerramento da safra das águas em maio, e a bataticultura nacional praticamente entrou em período de entressafra. Vale lembrar que os meses de abril e maio

costumam registrar baixa oferta, devido à dificuldade de se produzir nesse período, e os poucos produtores que se arriscam a plantar muitas vezes colhem com baixa produtividade. Entretanto, esse comportamento não foi suficiente para superar os preços médio praticados em 2022.

Tabela 4. Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2023/2022 com informações até junho

	Valor	Preço	Quantidade
Algodão	-26,10	-39,34	21,82
Arroz	8,05	16,19	-7,00
Banana	3,33	3,30	0,03
Batata	-17,65	-16,83	-0,98
Cacau	3,71	6,36	-2,49
Café	-20,30	-25,87	7,51
Cana	0,05	-6,41	6,90
Feijão	10,15	8,33	1,69
Fumo	44,17	39,34	3,47
Laranja	25,00	24,12	0,71
Mandioca	14,95	13,48	1,30
Milho	-13,81	-26,05	16,56
Soja	-7,06	-24,54	23,15
Tomate	-21,68	-18,81	-3,53
Trigo	-19,11	-21,08	2,49
Uva	35,85	21,15	12,13
Madeira tora*	-4,81	20,19	-20,80
Madeira p/ Celulose	21,34	21,95	-0,50
Lenha/carvão	79,89	70,52	5,50

Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, Cepea, Seagri/BA, Epagri, Consecana)

Na cultura do café, a redução esperada no valor bruto da produção é de 20,30%, pressionada pela queda de 25,87% nos preços reais, na comparação entre janeiro a junho de 2022 e de 2023, uma vez que se projeta uma produção anual 7,51% maior. Segundo a Conab, o aumento na produção se deve a uma expansão tanto na área cultivada quanto na produtividade, beneficiada por condições climáticas mais favoráveis, apesar do ano de bialidade negativa. A companhia ressalta que a safra de 2022, um ano de bialidade positiva, foi afetada por condições climáticas adversas em diversas regiões produtoras do país. Isso incluiu baixos índices pluviométricos, longos períodos de estiagem e temperaturas acima da média, que ocorreram durante grande parte do ciclo de desenvolvimento da safra. Comparativamente à safra 2021, também ano de bialidade negativa, o resultado da presente safra é 14,7% superior. Com relação aos preços, a equipe Café/Cepea evidencia que os seis primeiros meses deste ano foram marcados pela baixa liquidez no mercado cafeeiro nacional. No primeiro trimestre, a queda nos preços só não foi maior devido às incertezas sobre a produção da nova safra no período, em especial, em relação à safra do conilon no Espírito Santo. O segundo trimestre foi marcado pela dificuldade na realização de negócios, mesmo com o início da colheita. A redução no preço do grão manteve grande parte dos cafeicultores afastada do mercado *spot* nacional. Esta queda esteve diretamente ligada à expectativa de recuperação na oferta de arábica da safra 2023-2024, após as quebras de produção nos anos anteriores.

No que se refere ao milho, o menor valor bruto da produção esperado (-13,81%) reflete a queda de 26,05% nos preços reais, na comparação entre primeiros semestres, visto o crescimento de 16,56% esperado para a produção anual. Segundo a Conab, o aumento da produção decorre da expansão da área destinada à cultura e do crescimento da produtividade, especialmente da segunda safra. Na primeira safra, na maioria das regiões produtoras, as produtividades obtidas superaram as da safra 2021/22 – reflexo das condições climáticas

favoráveis aliadas ao grande investimento em tecnologia feito pelos agricultores, sendo o destaque negativo o Rio Grande do Sul (impactado pelo clima). Quanto à área da primeira safra, houve redução – corroborando a tendência de queda no cultivo do milho no verão, devido à opção dos produtores pela soja. Com relação à segunda safra, que se encaminha para ser a maior da história, a área estimada é superior ao recorde da safra passada. Apesar do plantio ter sido realizado tardiamente em várias regiões, as condições climáticas favoráveis proporcionaram um suprimento adequado de água para as plantações, conforme a Conab. Em grande parte dos estados, as produtividades ultrapassaram as alcançadas na safra 2021/22, e em alguns deles foram estabelecidos novos recordes históricos. Para a terceira safra, com a colheita já iniciada em algumas áreas, as atenções se voltam para o comportamento climático das regiões produtoras. Nesta safra, de acordo com a Companhia, a estimativa é de uma redução da área semeada em virtude do aumento do custo de produção, mas acréscimo na produtividade esperada devido à permanência ou inclusão de produtores mais tecnificados. Com relação aos preços, a equipe Milho/Cepea evidencia a pressão negativa nas cotações no primeiro trimestre do ano decorrente da maior oferta da safra de verão, dos bons estoques de passagem, da menor paridade de exportação e da expectativa de uma nova oferta recorde para 2023. No trimestre, a demanda doméstica também esteve menos aquecida. No segundo trimestre também se observou queda dos preços, influenciada pelo avanço da colheita da segunda safra e pelas estimativas oficiais indicando produção recorde na safra 2022-2023. Ademais, a perspectiva de oferta elevada nos Estados Unidos e a maior disponibilidade do cereal no mercado doméstico pressionaram os preços nos portos brasileiros e, conseqüentemente, nas regiões no interior do país.

Para a soja, a queda projetada no valor bruto da produção é de 7,06%, o que resultou dos preços reais 24,54% menores na comparação entre semestres iguais. Para a produção, há um aumento de 23,15% na atual safra, configurando uma safra recorde. Segundo a Conab, o crescimento está atrelado aos aumentos da área destinada à cultura e da produtividade, que registrou recordes. As boas produtividades em praticamente todas as regiões foram favorecidas pela alta tecnologia empregada pelos produtores e pelas boas condições climáticas durante o desenvolvimento das lavouras, com exceção do Rio Grande do Sul, cuja produção foi fortemente impactada pela estiagem em regiões produtoras do Noroeste e do Centro do estado. Com relação aos preços, conforme apontado pela equipe Soja/Cepea, devido às negociações em ritmo controlado no início deste ano, as cotações vinham sendo seguradas. Contudo, a partir de março, com o avanço da colheita, a oferta se elevou e, conseqüentemente, as cotações da soja iniciaram movimento de queda. Adicionalmente, no primeiro trimestre do ano, os prêmios de exportações – com base no porto de Paranaguá – atingiram os menores patamares para o período, considerando a série histórica do Cepea iniciada em 2004. Seguindo a tendência baixista, no segundo trimestre, os preços da soja voltaram a operar nos níveis de 2020, o que se pode atribuir aos elevados volumes de estoques e à safra recorde do País, que garantiram que, mesmo com a demanda aquecida, a oferta se sobressaísse. Além destes fatores, a queda dos prêmios de exportação, bem como a valorização do Real frente ao dólar contribuíram para a pressão sobre as cotações da oleaginosa. No front externo, embora as embarcações estejam em ritmo acelerado neste ano, em junho, o preço recebido atingiu o menor patamar dos últimos dois anos.

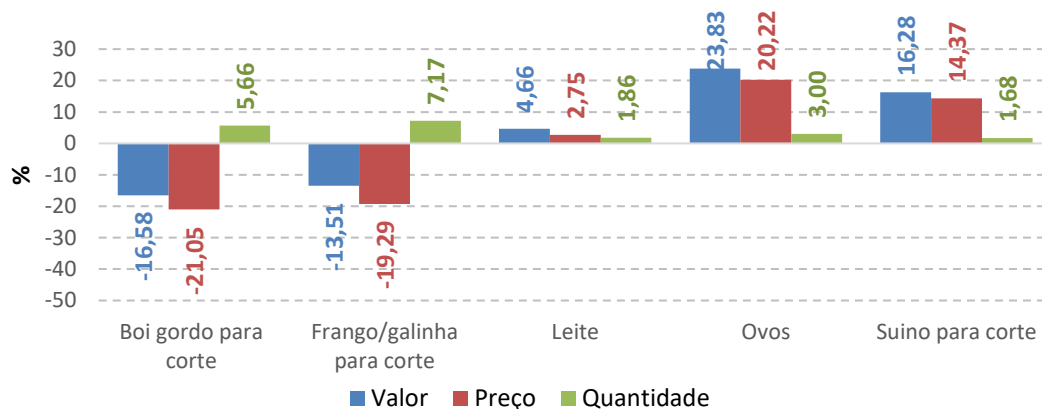
No caso do tomate, a redução de 21,68% esperada no valor bruto da produção é resultado dos preços reais 18,81% menores, na comparação entre semestres, e da queda de 3,53% projetada na produção anual. Segundo a equipe Hortifrúti/Cepea, no primeiro trimestre do ano, os preços foram pressionados para baixo pela intensificação da colheita da safra verão; entretanto, devido a intempéries climáticas e impactos de doenças ocorridas em algumas praças, o volume ofertado ficou aquém do esperado e impediu uma queda ainda maior dos preços. Em março e abril, devido à redução oferta, atrelada à proximidade do final da safra de verão e ao início ainda lento da temporada de inverno, houve elevação dos preços. Em maio e

junho, as regiões produtoras da safra de inverno intensificaram a colheita, como já esperado, pressionando as cotações do fruto.

Para o trigo, a redução dos preços na comparação entre janeiro a junho de 2022 e de 2023 (-21,08%) explica a projeção de queda do valor bruto da produção (-19,11%), visto que se espera uma maior produção anual (2,49%). De acordo com a Conab, a maior produção esperada reflete o aumento da área cultivada, atribuído a um conjunto de fatores: atraso da semeadura do milho segunda safra e conseqüente perda da janela ideal; expansão da cultura na Bahia – estimulada pela organização da cadeia produtiva do trigo no estado e pela construção de um moinho de beneficiamento; bom nível de retorno ao risco apresentado pela cultura; e o fato de a janela de plantio ser mais tardia, o que permite ao produtor conciliar a produção de trigo com outras culturas. Para a produtividade, se espera uma redução, considerando o comportamento histórico normal para a cultura. Com relação aos preços, a equipe Trigo/Cepea evidencia que a queda no primeiro trimestre do ano se deveu à baixa demanda – moinhos aparentaram estar abastecidos e as vendas dos derivados estiveram fracas – e à elevada disponibilidade, após a colheita da safra recorde no país em 2022 e a disponibilização de muitos lotes do cereal no mercado *spot* nacional por conta da necessidade de liberar espaço nos armazéns para entrada da safra verão. No segundo trimestre, os preços seguiram influenciados pela elevada disponibilidade de trigo no país, pela compra pontual por parte de moinhos e pela expectativa de boa safra. Além disso, houve pressão do aumento das estimativas de produção na Rússia e, principalmente, da renovação – em maio – do acordo de exportação de grãos pelo Mar Negro entre Rússia e Ucrânia.

Na Figura 2 constam as dinâmicas observadas para o segmento primário do ramo da pecuária. Enquanto a bovinocultura e a avicultura para corte apresentaram projeções de queda do valor bruto da produção anual, as demais atividades apresentaram projeções de crescimento, impulsionadas, principalmente, pelas altas dos preços reais. A seguir, apresentam-se as análises detalhadas de cada atividade do segmento.

Figura 2. Pecuária: Variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2023/2022 com informações até junho



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do Cepea e IBGE)

No caso da bovinocultura para corte, a projeção indica queda de 16,58% do valor bruto da produção anual, devido à retração de 21,05% dos preços reais na comparação entre períodos iguais. Por sua vez, é esperado aumento de 5,66% da produção anual. Após atingir o valor máximo da série histórica do Cepea, em março de 2022, em termos nominais, as cotações da arroba bovina vêm apresentando tendência de queda. Especificamente em junho, a média mensal atingiu o menor patamar desde setembro de 2020, em termos nominais. Segundo a equipe Boi/Cepea, a queda média observada de dezembro para junho deste ano é a mais intensa desde 2005. Esse cenário é explicado pela demanda interna enfraquecida e, principalmente, pela maior oferta de animais para abate – resultado dos investimentos

realizados pelo setor pecuário nos últimos anos e do crescimento do número de vacas abatidas, como reação à desvalorização dos animais de reposição, que desestimulou pecuaristas a segurarem as fêmeas. Por outro lado, o desempenho das exportações de carne bovina *in natura* contribuiu para o escoamento da produção e alívio da pressão sobre os preços. Entretanto, em abril foi registrado o menor volume de exportações em virtude da suspensão dos embarques para a China, que se estendeu por um mês. Como resultado, os volumes de estoques internos estiveram altos, o que limitou as aquisições de lotes de animais para abate e, conseqüentemente, pressionou ainda mais os preços da arroba bovina. Ressalta-se que a combinação dessa queda de preços com custos de produção ainda elevados (apesar da queda ao longo de 2023) tem pressionado sobremaneira as margens do pecuarista.

Para a bovinocultura leiteira, por sua vez, a projeção indica crescimento de 4,66% do valor bruto da produção anual da atividade. A projeção se atribui à alta de 2,75% dos preços reais, na comparação entre períodos iguais, e ao aumento esperado de 1,86% da produção anual. Em que pese o período de entressafra, marcado pela redução da disponibilidade e da qualidade das pastagens e a conseqüente alta de custos de produção, o leite no campo se desvalorizou ao longo do segundo trimestre deste ano. Especificamente, em maio registrou-se a primeira queda desde dezembro do ano passado. Conforme destacou a equipe Leite/Cepea, este comportamento atípico pode ser atribuído à combinação de três fatores: consumo enfraquecido, aumento de importações e queda dos custos operacionais efetivos em relação ao mesmo período de 2022. Considerando o primeiro semestre deste ano, o volume de importação está três vezes maior que o observado no ano passado, e representa 9,5% da captação formal de leite cru do setor – proporção consideravelmente acima da média. Além de o volume ser maior, os preços dos importados são mais competitivos, o que pressiona os preços domésticos ao longo de toda a cadeia. Em relação à redução dos custos, a queda se deveu, sobretudo, à desvalorização do concentrado (reflexo da queda da cotação do milho), dos adubos e corretivos. Esse contexto incentiva os investimentos na produção, o que tem feito a oferta de leite se recuperar mesmo na entressafra.

Para a avicultura para corte, a projeção indica queda de 13,51% do valor bruto da produção anual, provocada pela retração de 19,29% dos preços reais da proteína, na comparação entre períodos iguais. Em contrapartida, o crescimento de 7,17% da produção anual esperada ameniza o impacto negativo dos preços. A queda dos preços pode ser atribuída, principalmente, à redução do consumo da carne de frango, que se traduz em baixo ritmo de vendas. De modo a garantir o escoamento e evitar a formação de estoques, os produtores reduziram o preço do animal. Conforme destacado pela equipe Frango/Cepea, a redução da procura por carne de frango se deve, em boa medida, ao aumento da competitividade das carnes concorrentes.

Para a avicultura de postura, a projeção indica crescimento de 23,83% do valor bruto da produção anual, devido à alta de 20,22% dos preços reais, na comparação entre semestres iguais, e aumento de 3,00% da produção esperada para este ano. Ao longo do período, a oferta de ovos esteve relativamente restrita – em alguns momentos, devido às baixas temperaturas, que reduzem a produtividade das poedeiras. Ademais, de maneira atípica, a demanda pela proteína se manteve aquecida mesmo após o fim da quaresma. Segundo a equipe Frango/Cepea, os patamares recordes das cotações dos ovos e a concomitante desvalorização do milho elevaram o poder de compra do avicultor, em abril, ao maior patamar desde outubro de 2017.

Por fim, para a suinocultura para corte, a projeção indica crescimento importante de 16,28% de valor bruto da produção anual. Este resultado reflete o aumento de 1,68% da produção esperada para este ano e, principalmente, o avanço de 14,37% dos preços reais na comparação entre períodos iguais. A redução da projeção anual, em relação ao relatório anterior, se deve, sobretudo, a queda dos preços observada ao longo do segundo trimestre. Conforme destaca a equipe Suíno/Cepea, na maior parte deste período, as cotações do suíno vivo estiveram em queda, o que se atribui, principalmente, às ofertas elevadas de suínos em

peso ideal para abate e, em diversos momentos, à menor procura da indústria por novos lotes de animais. Ainda assim, os preços médios do semestre operaram em patamar superior aos do mesmo semestre do ano anterior – naquele período houve quedas importantes no preço do animal.

SEGMENTO INDUSTRIAL: agroindústria apresenta modesto crescimento no primeiro semestre, pressionada por preços menores

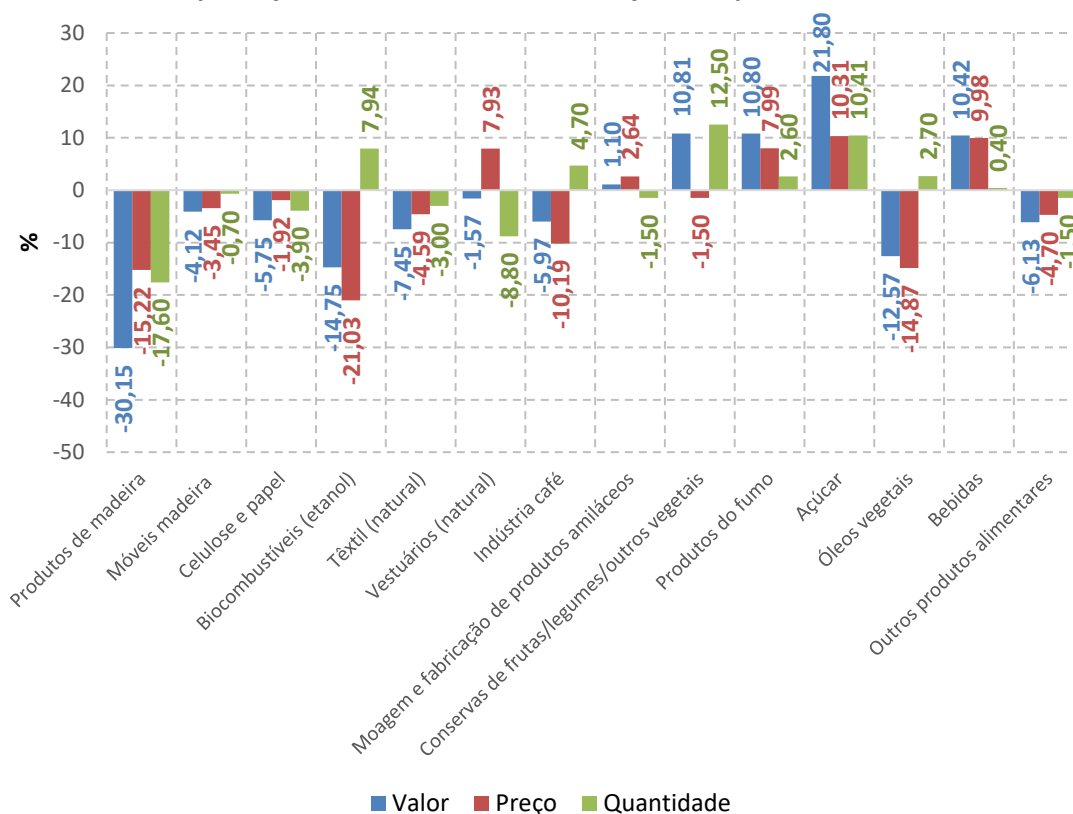
O PIB da agroindústria brasileira teve aumento modesto de 0,38% no segundo trimestre; acumulando avanço de 0,53% no primeiro semestre do ano (Tabelas 1 e 2). Para a indústria de base agrícola, o crescimento de 0,23% do PIB no segundo trimestre resultou em alta acumulada de 0,70% nos seis primeiros meses de 2023. Para a indústria de base pecuária, o PIB avançou 1,04% no segundo trimestre, amenizando o resultado negativo do primeiro trimestre e resultando em queda acumulada de 0,23% no primeiro semestre do ano.

Na indústria agrícola, o PIB cresceu sobretudo devido à redução de custos com insumos, tendo em vista que a produção industrial registrou crescimento apenas modesto e os preços dos produtos caíram. Especificamente, quanto ao valor bruto da produção, espera-se queda de 4,37% no ano, com preços médios 4,76% menores e expectativa de aumento da produção em 0,40% - em média, para o segmento. Na indústria pecuária, apesar da maior produção estimada de carnes para o ano, o PIB também foi pressionado pelo comportamento desfavorável dos preços. Nesse caso, a queda estimada no valor bruto da produção anual é de 5,78%, com preços 9,73% menores e aumento de 4,37% na produção – em média, para o segmento.

No acompanhamento feito pelo Cepea para a evolução do PIB, as indústrias de base agrícola para as quais se espera crescimento do valor bruto da produção em 2023 são, apenas: bebidas, moagem e fabricação de amiláceos, produtos do fumo, açúcar e conservas de frutas, legumes e outros vegetais. Já para as indústrias de produtos e móveis de madeira, biocombustíveis, celulose e papel, óleos vegetais, têxteis e vestuários, indústria do café e outros produtos alimentares espera-se queda de valor bruto da produção (Figura 3).

No caso do açúcar, a expansão esperada de 21,80% no valor bruto da produção anual é resultado tanto da produção esperada 10,41% maior quanto dos preços 10,31% maiores na comparação entre semestres iguais. De acordo com a Conab, tem havido maior direcionamento de Açúcar Total Recuperável (ATR) para a produção de açúcar, tanto pelo fato de os fabricantes terem que cumprir os contratos comercializados antecipadamente, quanto pela queda de competitividade do etanol em relação à gasolina na maioria dos estados brasileiros. Além disso, a demanda externa tem se mantido aquecida, pois os principais países concorrentes (Índia, Tailândia e Austrália) não têm conseguido aumentar suas ofertas. Todos estes fatores tornam a produção do adoçante mais atrativa. Segundo a equipe Açúcar/Cepea, no primeiro trimestre do ano, os preços caíram devido à baixa demanda – muitos compradores estavam abastecidos para o período, por meio de estoques ou recebendo o açúcar contratado anteriormente –, enquanto a oferta de açúcar disponível para vendas adicionais foi limitada, especialmente para os tipos de melhor qualidade. No mercado internacional, os valores do demerara mantiveram-se fortalecidos no período, com perspectiva de baixa oferta mundial no curto prazo. A Índia e a União Europeia devem produzir menos açúcar que o indicado nas projeções iniciais, enquanto a demanda por açúcar da China deve se recuperar. Já no segundo trimestre, as cotações foram impulsionadas pela baixa disponibilidade do açúcar no mercado *spot* – mesmo que a demanda não tenha sido aquecida –, e o ritmo lento das negociações.

Figura 3. Agroindústrias de base agrícola: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2023/2022 com informações até junho



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados Cepea, IBGE e Conab)

Com relação à produção de biocombustíveis, o menor valor bruto da produção esperado (-14,75%) decorre dos preços reais menores na comparação entre janeiro a junho de 2022 e 2023 (-21,03%), contrapondo-se ao aumento esperado na produção anual (7,94%). Segundo a Conab, o crescimento na produção se dá apesar da predileção das usinas pela produção do açúcar. Entretanto, destaca-se que o grande responsável pela maior produção é o etanol de milho – que deverá ter a produção acrescida em 42%. Para os preços, de acordo com a equipe Etanol/Cepea, embora tenham subido na última semana de janeiro – após o anúncio da Petrobras de reajuste da gasolina nas refinarias, o que levou algumas distribuidoras a participarem mais ativamente das compras –, não foi suficiente para reverter as fortes quedas registradas nas três semanas anteriores. Assim, mesmo janeiro sendo caracterizado pela entressafra, o mês fechou com os valores acumulando queda. Já em fevereiro e em março, houve baixa liquidez dada a pequena diferença absoluta de preços entre a gasolina C e o etanol hidratado, que deixou o biocombustível em desvantagem nas bombas. O segundo trimestre foi marcado por flutuações nos volumes negociados e nos preços devido às variações na demanda e nas condições climáticas e mudanças tributárias. Em abril, os preços foram impulsionados pela combinação de demanda aquecida e da oferta limitada, que se deveu aos baixos estoques e impactos das chuvas nas usinas. No mês de maio, a vantagem comparativa de preços da gasolina C frente ao de etanol hidratado nas bombas das principais cidades consumidoras de combustíveis contribuiu para o aumento da demanda pelo anidro no elo produtor. Ademais, houve aumento significativo das negociações devido à proximidade da mudança tributária no regime monofásico. Por fim, em junho, os preços foram pressionados pelo menor volume negociado – reflexo da expectativa de aumento nos impostos, mudanças nas alíquotas de ICMS e redução do preço da gasolina nas refinarias.

Para a indústria de óleos vegetais, a redução do valor bruto da produção esperada (-12,57%) reflete as quedas nos preços reais (-14,87%) na comparação entre janeiro a junho de 2022 e de 2023, uma vez que se projeta crescimento na produção (2,70%). De acordo com a equipe Soja/Cepea, no primeiro trimestre do ano, os preços dos derivados caíram no Brasil, pressionados pela baixa demanda, sobretudo, doméstica. Consumidores de óleo de soja estavam afastados do mercado, com dificuldades em obter margem de lucro ao repassar o preço para o produto refinado. Além disso, parte das indústrias alimentícias indicava estar abastecida para médio prazo. O enfraquecimento da demanda pelo setor de biodiesel também pressionou as cotações. Entretanto, o movimento de baixa foi limitado por expectativas de maior demanda futura para a produção de biodiesel. No segundo trimestre, os preços continuaram apresentando tendência de baixa, pressionados pela demanda enfraquecida (externa e doméstica) e pelo menor custo com a matéria-prima. Nesse período, algumas indústrias brasileiras até limitaram a oferta do derivado, na expectativa de demanda externa mais aquecida nos próximos meses, fundamentada na menor produção na Argentina.

A Tabela 5 apresenta as dinâmicas observadas para as atividades que compõem o segmento agroindustrial de base pecuária. Entre as atividades, apenas a indústria de laticínios apresentou projeção de crescimento do valor bruto da produção para este ano.

Tabela 5. Agroindústrias de base pecuária: variação (%) anual do volume, dos preços reais e do valor bruto da produção - 2023/2022 com informações até junho

	Couro e calçados	Abate e preparação carnes e pescado	Laticínios
Valor	-3,75	-8,12	3,45
Preço	-0,09	-13,04	2,94
Quantidade	-3,92	5,72	0,50

Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados Cepea e IBGE)

Na agroindústria de abate e preparação de carnes e pescado, espera-se queda de 8,12% do valor bruto da produção anual, como reflexo do recuo de 13,04% dos preços reais, na comparação entre períodos iguais, ao passo que é esperado crescimento de 5,72% para a produção anual. O desempenho desta atividade está, em boa medida, alinhado ao observado para o segmento primário da pecuária. Nos casos das indústrias de carne bovina, suína e de frango, os diagnósticos se assemelham: combinação de oferta elevada e demanda tímida em diversos momentos. Em relação aos preços da carcaça bovina, o recuo ao longo do segundo trimestre se deu, de um lado, pelo aumento do número de abates no período e, de outro, pela redução do consumo interno, o que promoveu a elevação dos volumes de estoque. Já em relação à carne de frango, cujas cotações recuaram consideravelmente, registrou-se oferta elevada de aves, como resultado do aumento do alojamento e do baixo ritmo de vendas, conforme destaca a equipe Frango/Cepea. Por fim, para a carne suína, o período foi marcado por baixa liquidez e oferta elevada.

Na indústria de laticínios, a projeção indica crescimento de 3,45% do valor bruto da produção anual, em virtude do avanço de 2,94% dos preços reais na comparação entre períodos iguais e do ligeiro crescimento de 0,50% da produção anual esperada. A mudança da projeção para este ano – em relação ao relatório anterior, em que era esperado crescimento de 13,07% do valor bruto de produção da indústria – se deve, principalmente, à queda dos preços dos lácteos, que se observou ao longo do segundo trimestre. Conforme a equipe Leite/Cepea, esse comportamento pode ser atribuído à combinação de dois fatores: o baixo ritmo de consumo, em virtude do enfraquecido poder de compra da população; e os preços de

importados mais competitivos que os nacionais, o que fez com os canais de distribuição pressionassem por desvalorizações dos preços domésticos a fim de manter a liquidez.

SEGMENTO DE SERVIÇOS: agrosserviços avançam no primeiro semestre, sustentados pelas maiores produções dentro e fora da porteira

No segundo trimestre de 2023, o PIB dos serviços do agronegócio brasileiro cresceu 0,92%, como resultado da combinação do crescimento de 0,54% dos agrosserviços agrícolas e de 2,00% dos agrosserviços pecuários. No acumulado do ano, o segmento acumula crescimento de 1,12%, resultante dos avanços de 1,30% e de 0,63% dos ramos agrícola e pecuário, respectivamente. Seja no ramo agrícola ou no ramo pecuário, o crescimento do PIB do agrosserviços reflete sobretudo as maiores produções, dentro e fora da porteira – das safras agrícolas, dos animais vivos e de produtos agroindustriais como biocombustíveis, açúcar, óleos vegetais, carnes, lácteos e outros. Essa maior produção implica movimentação dos serviços de transporte, armazenagem, comércio e outros serviços, como financeiros, contábeis, jurídicos, de comunicação, entre outros.

CONCLUSÕES

O PIB do agronegócio brasileiro tem apresentado modesta recuperação neste ano (0,50%, no acumulado; e 0,27% no segundo trimestre), após recuar em 2022. Considerando também o desempenho da economia brasileira como um todo, até o momento, o PIB do agronegócio pode responder por 24,4% do PIB do País.

Esse resultado do agronegócio, ainda que modesto, foi sustentado sobretudo pelo desempenho de safra recorde no campo e crescimento do volume de abates, o que, por sua vez, implica em aumento da demanda para os segmentos a montante (insumos) e a jusante (agrosserviços). Por outro lado, o desempenho não foi melhor devido ao recuo dos preços, que se observou em todos os segmentos. No campo, houve fortes quedas das cotações de importantes culturas, como algodão, café, milho, soja, trigo, tomate e cana-de-açúcar; além do boi gordo e do frango vivo. Já nas agroindústrias, do ramo agrícola, destacaram-se as quedas observadas para os biocombustíveis, para os produtos de madeira, para os óleos vegetais e para a indústria do café, entre outras; dentre as do ramo pecuário, por sua vez, a queda dos preços impactou, principalmente, a indústria do abate e preparação de carnes e pescados.

Pela perspectiva dos ramos do agronegócio, se consideradas apenas as atividades do ramo agrícola, houve crescimento de 0,84% no PIB, no acumulado, e de 0,17% no trimestre. Se consideradas apenas as das atividades do ramo da pecuária, no entanto, verificou-se encolhimento de 0,40% no acumulado, apesar do crescimento de 0,56% no trimestre. Já pela perspectiva dos segmentos do setor, no acumulado do ano, o PIB dos insumos apresentou retração de 11,73%, com quedas nos ramos agrícola (-14,52%) e pecuário (-3,11%). O desempenho desse segmento foi impactado negativamente pela queda expressiva do valor bruto da produção, pressionado sobretudo pelas desvalorizações de preços dos fertilizantes, dos defensivos e das rações para animais.

Assim como observado no relatório anterior, o segmento primário do agronegócio, cujo PIB avançou 1,12% no trimestre – acumulando crescimento de 2,57% no ano – destacou-se frente aos demais. Esse resultado se atribui ao desempenho da agricultura, que avançou 2,26% no trimestre, acumulando crescimento de 4,76% no ano – impulsionado sobremaneira pelo ritmo de produção, com safras recordes e, ainda, pelo arrefecimento dos custos de produção, face ao barateamento de insumos, como fertilizantes e defensivos. Quanto à pecuária dentro da porteira, houve queda de 0,86% no trimestre, acumulando redução de 1,19% no ano. Em que pese o aumento da produção esperada para o ano e a redução dos

custos com alimentos, atividades importantes - bovinos e frangos para corte - sofreram expressivos recuos em seus preços.

No segmento agroindustrial, a expansão modesta do PIB no trimestre decorreu de crescimento para as agroindústrias de base agrícola (0,23%) e de base pecuária (1,04%). No acumulado, no entanto, o crescimento observado para o segmento (0,53%) reflete o desempenho das agroindústrias de base agrícola (0,70%), uma vez que, para as de base pecuária, houve redução (-0,23%). Na indústria agrícola, o PIB cresceu sobretudo devido à redução de custos com insumos, tendo em vista que a produção industrial registrou crescimento modesto e os preços dos produtos caíram. Na indústria pecuária, apesar da maior produção estimada de carnes para o ano, o PIB também foi pressionado pelo comportamento desfavorável dos preços.

Por fim, o PIB do segmento de agrosserviços apresentou crescimento de 0,92% no trimestre – resultado do crescimento de 0,54% nos agrosserviços de base agrícola e de 2,00% nos de base pecuária. Com isso, o segmento acumulou alta de 1,12% no ano, refletindo o crescimento de 1,30% para os agrosserviços agrícolas e de 0,63% para os pecuários. De forma geral, estes resultados refletem as dinâmicas dos segmentos a montante, em especial os aumentos de produção dentro e fora da porteira.

ANEXO I – EVOLUÇÃO MENSAL DO PIB DO AGRONEGÓCIO

A1) PIB DO AGRONEGÓCIO: TAXAS DE VARIAÇÃO MENSAL E ACUMULADO DO PERÍODO (EM %)

AGRONEGÓCIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jun/22	1,42	-1,12	-0,52	-1,16	-0,86
jul/22	-0,31	-1,64	-0,13	-0,87	-0,93
ago/22	1,59	-1,34	-0,35	-0,90	-0,74
set/22	1,12	-0,59	-0,34	-0,43	-0,38
out/22	-1,10	1,17	-0,04	0,38	0,32
nov/22	-0,60	0,51	0,22	0,53	0,34
dez/22	0,03	-0,27	-0,03	-0,10	-0,15
jan/23	-0,04	0,89	0,08	0,28	0,38
fev/23	-1,19	0,28	-0,02	-0,10	-0,05
mar/23	-2,99	0,26	0,09	0,01	-0,10
abr/23	-2,96	1,16	0,21	0,42	0,37
mai/23	-2,38	0,13	0,18	0,31	0,05
jun/23	-2,75	-0,17	-0,01	0,19	-0,15
Acumulado (jan-jun)	-11,73	2,57	0,53	1,12	0,50

RAMO AGRÍCOLA					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jun/22	2,13	-1,84	-0,30	-0,93	-0,86
jul/22	0,27	-3,15	-0,16	-1,19	-1,37
ago/22	2,50	-2,65	-0,33	-1,07	-1,05
set/22	1,94	-1,85	-0,73	-1,19	-1,07
out/22	-0,81	1,41	-0,29	-0,01	0,05
nov/22	-0,41	0,83	-0,16	-0,03	0,01
dez/22	-0,70	-0,23	-0,15	-0,42	-0,40
jan/23	-0,09	1,26	0,02	0,30	0,44
fev/23	-1,36	0,44	0,10	0,09	0,07
mar/23	-3,67	0,72	0,34	0,36	0,16
abr/23	-3,87	1,78	0,27	0,50	0,48
mai/23	-2,76	0,13	0,08	0,10	-0,10
jun/23	-3,69	0,35	-0,12	-0,06	-0,21
Acumulado (jan-jun)	-14,52	4,76	0,70	1,30	0,84

RAMO PECUÁRIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jun/22	-0,12	0,36	-1,55	-1,86	-0,87
jul/22	-1,44	1,09	0,03	0,11	0,34
ago/22	-0,87	1,05	-0,39	-0,39	0,10
set/22	-1,05	1,72	1,50	1,78	1,50
out/22	-1,33	1,15	1,05	1,47	1,09
nov/22	-0,56	0,29	1,89	2,12	1,21
dez/22	3,08	-0,08	0,48	0,81	0,55
jan/23	0,12	0,24	0,32	0,23	0,24
fev/23	-0,63	0,00	-0,55	-0,61	-0,38
mar/23	-0,93	-0,56	-1,02	-0,97	-0,82
abr/23	-0,33	0,06	-0,02	0,18	0,07
mai/23	-1,25	0,17	0,60	0,92	0,46
jun/23	-0,12	-1,09	0,46	0,89	0,03
Acumulado (jan-jun)	-3,11	-1,19	-0,23	0,63	-0,40

Fontes: Cepea/USP e CNA

A2) PIB DO AGRONEGÓCIO: PARTICIPAÇÕES DOS SEGMENTOS (EM %)

AGRONEGÓCIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jun/22	9,1%	25,9%	23,3%	41,7%	100,0%
jul/22	8,6%	26,0%	23,5%	41,9%	100,0%
ago/22	8,4%	26,1%	23,5%	41,9%	100,0%
set/22	8,2%	26,3%	23,4%	42,0%	100,0%
out/22	7,8%	26,9%	23,2%	42,1%	100,0%
nov/22	7,5%	27,1%	23,1%	42,2%	100,0%
dez/22	7,4%	27,2%	23,1%	42,3%	100,0%
jan/23	7,0%	29,0%	22,2%	41,8%	100,0%
fev/23	6,7%	28,7%	22,7%	41,9%	100,0%
mar/23	6,1%	28,7%	23,0%	42,2%	100,0%
abr/23	5,8%	29,0%	22,9%	42,3%	100,0%
mai/23	5,7%	28,7%	23,0%	42,6%	100,0%
jun/23	5,7%	28,5%	23,0%	42,8%	100,0%

RAMO AGRÍCOLA					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jun/22	9,9%	21,3%	26,1%	42,7%	100,0%
jul/22	9,4%	21,3%	26,4%	42,9%	100,0%
ago/22	9,2%	21,5%	26,5%	42,9%	100,0%
set/22	9,0%	21,8%	26,4%	42,8%	100,0%
out/22	8,5%	22,6%	26,1%	42,8%	100,0%
nov/22	8,1%	23,2%	25,9%	42,8%	100,0%
dez/22	7,8%	23,6%	25,8%	42,8%	100,0%
jan/23	7,3%	26,1%	24,5%	42,1%	100,0%
fev/23	6,9%	25,4%	25,2%	42,5%	100,0%
mar/23	6,2%	25,3%	25,6%	42,9%	100,0%
abr/23	5,7%	25,9%	25,5%	42,9%	100,0%
mai/23	5,7%	25,6%	25,6%	43,1%	100,0%
jun/23	5,6%	25,5%	25,7%	43,2%	100,0%

RAMO PECUÁRIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jun/22	6,6%	39,0%	15,4%	39,0%	100,0%
jul/22	6,4%	38,8%	15,5%	39,3%	100,0%
ago/22	6,4%	38,8%	15,5%	39,4%	100,0%
set/22	6,2%	38,4%	15,6%	39,8%	100,0%
out/22	6,1%	38,0%	15,7%	40,2%	100,0%
nov/22	6,0%	37,3%	15,9%	40,8%	100,0%
dez/22	6,2%	36,8%	15,9%	41,0%	100,0%
jan/23	6,1%	37,0%	16,0%	41,0%	100,0%
fev/23	6,0%	37,8%	15,7%	40,4%	100,0%
mar/23	6,0%	38,0%	15,6%	40,4%	100,0%
abr/23	6,0%	37,7%	15,7%	40,6%	100,0%
mai/23	5,8%	37,3%	15,7%	41,2%	100,0%
jun/23	5,8%	36,4%	15,9%	41,8%	100,0%

Fontes: Cepea/USP e CNA

A3) PIB-VOLUME DO AGRONEGÓCIO: TAXA ANUAL (EM %)

	PIB Volume do Agronegócio*				
	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	-4,69	18,29	-0,02	7,45	7,80
Ramo Agrícola	-6,89	26,62	-1,31	8,07	8,87
Ramo Pecuário	2,54	4,42	5,48	5,76	5,02

- Nota técnica: O PIB Volume do Agronegócio trata-se do PIB do agronegócio calculado pelo critério de preços constantes. Resulta, portanto, a variação apenas do volume do PIB. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

A4) PIB DO AGRONEGÓCIO - METODOLOGIA

O Relatório PIB do Agronegócio Brasileiro é uma publicação atualmente trimestral resultante da parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da Esalq/USP, e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção

agropecuária primária, agroindústria (processamento) e agrosserviços – como na Figura que segue. A análise desse conjunto de segmentos é feita para o ramo agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.



Pelo critério metodológico do Cepea/Esalq-USP, o PIB do agronegócio é medido pela ótica do produto, ou seja, pelo Valor Adicionado (VA) total deste setor na economia. Ademais, avalia-se o VA a preços de mercado (consideram-se os impostos indiretos menos subsídios relacionados aos produtos). O PIB do agronegócio brasileiro refere-se, portanto, ao produto gerado de forma sistêmica na produção de insumos para a agropecuária, na produção primária e se estendendo por todas as demais atividades que processam e distribuem o produto ao destino final. A renda, por sua vez, se destina à remuneração dos fatores de produção (terra, capital e trabalho).

Após estimado o valor do PIB do agronegócio no ano-base, que desde janeiro/17 refere-se ao ano de 2010, parte-se para evolução deste valor de modo a se gerar uma série histórica, por meio de um amplo conjunto de indicadores de preços e produção de instituições de pesquisa e governamentais. Seja para a estimação anual do valor do PIB, ou para as reestimativas trimestrais, consideram-se informações a respeito da evolução do Valor Bruto da Produção (VBP) e do Consumo Intermediário (CI) dos segmentos do agronegócio. Pela evolução conjunta do VBP e do CI, estima-se o crescimento do valor adicionado pelo setor.

Com base nos procedimentos mencionados e processos adicionais realizados pelo Cepea, os cálculos do PIB do agronegócio resultam em dois indicadores principais, que retratam o comportamento do setor por diferentes óticas:

- **PIB-renda Agronegócio** (PIB analisado pelo Cepea e pela CNA em seus relatórios): reflete a renda real do setor, sendo consideradas no cálculo variações de volume e de preços reais, sendo estes deflacionados pelo deflator implícito do PIB nacional.
- **PIB-volume Agronegócio**: PIB do agronegócio pelo critério de preços constantes. Resulta daí a variação apenas do volume do PIB. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

Trimestralmente, o foco de análise é o **PIB-renda Agronegócio**, que reflete a renda real do setor. **Por conveniência textual, o PIB-renda do agronegócio é denominado apenas como PIB do Agronegócio ao longo destes relatórios.** Destaca-se que as taxas calculadas para cada período consideram igual período do ano anterior como base, exceto para as quantidades referentes às safras agrícolas, para as quais computa-se a previsão de safra para o ano (frente ao ano anterior).

Importante também destacar que cada relatório considera os dados disponíveis até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, há a possibilidade, portanto, de ocorrer alteração dos resultados, tanto no que se refere ao período corrente, como também ao que se refere a períodos e anos passados. **Recomenda-se, portanto, sempre o uso do relatório mais atualizado.**

Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil - CNA:

Bruno Barcelos Lucchi - Diretor Técnico

Maciel Aleomir da Silva - Diretor Técnico Adjunto

Núcleo Econômico

Renato Conchon - Coordenador

Elisângela Pereira Lopes - Assessora Técnica

Isabel Mendes de Faria - Assessora Técnica

Guilherme Augusto Costa Rios - Assessor Técnico

Gustavo Vaz da Costa - Assessor Técnico

Maria Angélica Echer Ferreira Feijó - Assessora Técnica

Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - CEPEA:

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Ph.D - Coordenador científico do Cepea

Nicole Rennó Castro, Dra - Coordenadora técnica do projeto

Pesquisadores Macroeconomia

Gabriel Costeira Machado, Dr.

Felipe Miranda de Souza Almeida, Me.

Adriana Ferreira Silva, Dra.

Arlei Luiz Fachinello, Dr.